

SAUSSURE: UMA FILOSOFIA DA LINGUÍSTICA?

Raquel Basílio¹

raquel.basilio@gmail.com

RESUMO: A Linguística, tal como a conhecemos atualmente, funda-se com o gesto saussuriano de escolher a língua como objeto de estudo dos linguistas. Quais as consequências desse ato? Podemos dizer que esse gesto apresenta o desenvolvimento de uma filosofia da linguagem? Este artigo visa refletir sobre o assunto a partir das notas escritas pelo professor publicadas em 1957 por Godel que apresentam o pensamento de Saussure sob um novo ângulo. Segundo Bouquet e Engler, esta reflexão apresenta uma filosofia da linguagem, termo que o próprio Saussure empregou algumas vezes. Consideraremos, especialmente, as notas que carregam o termo *filosofia da linguagem* e as considerações de Bouquet acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia da linguagem; linguagem; Saussure.

UM PONTO DE PARTIDA

O início de um movimento de releitura do pensamento de Saussure foi marcado pela publicação do estudo realizado por Robert Godel, intitulado: *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure* (1957). Outros estudiosos seguiram também o caminho de retornar à reflexão saussuriana. Podemos citar a edição crítica de Rudolf Engler (1968 e 1974), além de obras realizadas por Tullio de Mauro, Amacker, Jäger e Wunderli. Mais recentemente, citamos os trabalhos de Johannes Fehr: *Linguistik und Semnologie* (1997) e *Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents: les contours de l'oeuvre posthume et ses rapports avec l'oeuvre publiée* (1996), entre outros trabalhos importantes acerca do tema como o realizado por Simon Bouquet (2002) que nos guiará em especial neste artigo.

Partiremos desses trabalhos de releitura para discutimos, de modo resumido, a nossa questão: Saussure desenhou uma filosofia da linguagem?

¹ Universidade Federal da Paraíba.

1. UMA FILOSOFIA?

Algumas vezes Saussure definiu sua reflexão como uma filosofia da Linguística. Em uma conversa com Riedlinger, seu aluno nos cursos ministrados em Genebra, conforme Bouquet (2002:76) retoma tal como observamos: “Saussure tratará este ano das línguas indo-européias e dos problemas que colocam. Isso será uma preparação para um curso filosófico de Linguística”. Aparentemente, o professor denominava seu ensino de filosófico, mas o que ele tinha em mente ao falar de uma dimensão filosófica da Linguística em 1910?

Essa denominação é comum nessa época. No século XIX os estudos estavam sob o rótulo de filosóficos, tínhamos a “filosofia da botânica”, a “filosofia da química”, a “filosofia da história”, entre tantas outras. O termo se aplicava a qualquer saber que contivesse princípios universais ou fundamentais acerca de uma arte ou ciência. Apenas no fim do século XIX que se iniciou um conceito mais delimitado do termo com o nascimento da *Epistemologia*. Será que podemos dizer que Saussure tratou de uma epistemologia da Linguística?

A Epistemologia pode ser entendida como um estudo da origem, natureza ou limites do conhecimento de uma ciência, um “estudo da ciência”. O termo remete a Platão, que visava questionar “o que é o conhecimento” e “como podemos alcançá-lo”. Duas posições surgem desse questionamento: o empirismo e o racionalismo. Ou seja, o conhecimento é baseado na experiência, ou ele tem suas origens na razão humana.

Podemos reconhecer na reflexão saussuriana uma preocupação com a natureza e os limites do conhecimento da linguagem. Saussure desenhou, desse ponto de vista, uma visão filosófica da linguagem e da língua. Porém, o estudo de Saussure sobre a língua e a linguagem apresenta, em seus limites e natureza, um saber negativo, não-positivo. Os construtos teóricos em que Saussure edifica sua reflexão da *língua como um sistema de signos* repousam numa natureza absolutamente negativa.

O termo *ciência* hoje nos remete a um saber positivo e invariavelmente empírico. Isto envolve a manipulação do objeto, e a formulação matematizada de leis que permitem observar este objeto. Desse modo o objeto é dado de antemão, graças à verificação empírica os conceitos são fixados *a posteriore*. Mas o saber com que Saussure lidava, o saber não-positivo, lida com conceitos primitivos, ou seja, “o ponto de vista que cria o objeto” nesse caso, não há um objeto estabelecido antes dos conceitos formulados. Desse modo, o objeto não é diretamente observável ou demonstrável empiricamente, é uma abstração imposta, uma escolha metodológica ou filosófica mesmo, no sentido de que se escolhe um modo de olhar para o objeto que o cria, que “faz a coisa” surgir.

Os dados são construídos a partir de hipóteses e não de uma manipulação empírica do objeto em questão. Resultando em uma problematização sempre atualizada dos conceitos postulados e numa dificuldade de atingir uma verdade que pode ser reproduzida em dados empíricos. Os conceitos que o professor desenhou podem ser definidos como negativos em sua radicalidade, ou seja, na sua raiz.

Assim como o termo *ciência* se confundia, por vezes, com o termo *filosofia* no século XIX, com a tendência geral de uma positivação do saber esses dois termos foram separados de modo a delimitar de modo mais claro a diferença entre o saber positivo e o saber não-positivo e o termo *ciência* parece hoje estar ligado a uma produção de saberes positivos.

Veremos agora como a reflexão saussuriana aponta para o saber não-positivo, que pode ser percebido, por alguns, como uma reflexão filosófica. Apesar dessa ordem do não-positivo estar apresentada em todos os conceitos formulados pelo professor, como o signo, o sistema, a mutabilidade e a imutabilidade, a arbitrariedade, entre outros, esse caráter é muito mais evidente na teoria do valor, e por esta razão trataremos apenas do valor no presente artigo.

2. NEGATIVIDADE E DIFERENÇA

[...] na língua há apenas diferenças *sem termos positivos* (SAUSSURE, 1996, p. 139, grifo do autor).

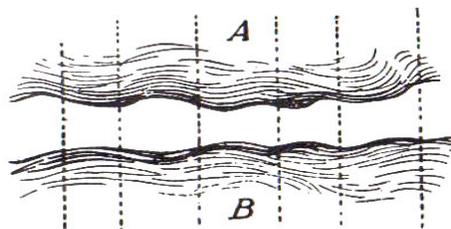
O termo *valor* designa, na teoria de Saussure, uma pluralidade de fatos. Primeiramente, podemos observar que o professor não estabeleceu, de início, uma diferença séria entre os termos: *valor, sentido, significação*. Mas ele disse que o valor passava a existir pela oposição que os signos estabelecem entre si. Podemos ler Saussure (1996: 134-135, grifos do autor):

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear, temer, ter medo* só têm valor próprio pela oposição [...] Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia.

Normand (2009:27) nos aponta para alguns aspectos dessa formulação de Saussure. Primeiro podemos perceber que o professor não delimita a unidade com que trabalha, mas oferece como solução a *pura oposição de valores*; que ele nos oferece uma

análise puramente intelectual dos dados da língua por meio de um procedimento empírico de comparação. Mas esse procedimento de comparar conduz a resultados negativos, o que parece algo contraditório.

As diferenças delimitam ideias próximas, ou, dito de outra forma, os valores delimitam-se reciprocamente e formam um sistema. Assim, podemos analisar o esquema presente no capítulo *O valor lingüístico* do CLG²:



O texto de 1916 fala da não anterioridade das ideias e dos sons e que, sem os signos, seríamos incapazes “de distinguir duas ideias de modo claro e constante” (SAUSSURE, 1996: 130). O esquema acima apresenta, no plano A, a massa amorfa “das ideias confusas” (SAUSSURE, 1996: 130), e no plano B, a massa amorfa dos sons. Os traços que unem as duas nebulosas são as delimitações impostas pela língua.

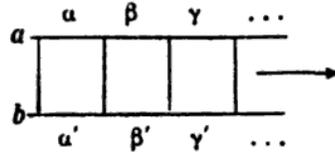
Primeiramente, começamos por entender que não havia um *antes*. As ideias e sons sem limites definidos são apenas nebulosas, um caos, ou uma impossibilidade de pensar algo ou mesmo falar alguma coisa. Isto significa que não há ideias e nem sons anteriores à língua; não há nada antes, “em lugar das *ideias* dadas de antemão”, temos apenas “*valores* que emanam do sistema” (SAUSSURE, 1996:136).

A outra consequência que podemos extrair desse esquema é que a “língua é uma forma não uma substância” (SAUSSURE, 1996:131). Antes, onde não havia forma, a língua confere uma forma por meio das delimitações. A dessubstancialização do seu objeto aponta novamente de modo incisivo para o caráter negativo desse saber que a língua contém. Além disso, aponta para o fato de que não há como observar diretamente a língua, já que se trata de um sistema formal, o espírito empirista das comparações se dissolve nesta frase amiúde repetida na edição de 1916.

O esquema das massas amorfas se assemelha ao esquema de Saussure (1996: 121) das delimitações das unidades:

² Esquema em Saussure (1996, p. 131).

Quem conheça uma língua delimita-lhe as unidades por um método bastante simples, pelo menos em teoria. Consiste ele em colocar-se a pessoa no plano da fala, tomada como documento da língua, e em representá-la por duas cadeias paralelas: a dos conceitos (*a*) e a das imagens acústicas (*b*). Uma delimitação correta exige que as divisões estabelecidas na cadeia acústica (α , β , γ ...) correspondam à cadeia dos conceitos (α' , β' , γ' ...):



Seja em francês *sižlaprã*: poderei cortar esta seqüência após *l* e tomar *sižl* como unidade? Não: basta considerar os conceitos para ver que essa divisão é falsa. A separação em sílabas *siž-la-prã* nada tem tampouco de lingüístico, *a priori*. As únicas divisões possíveis são: 1° *si-z-la-prã* (“si je la prends”), e 2° *si-z-l-aprã* (“si je l’apprends”), e são determinadas pelo sentido que se dê a essas palavras. [...] o sentido autoriza a delimitação .

Novamente é o aspecto diferencial dos valores que se delimitam reciprocamente que “cria” o sistema. Tal ideia não entra em conflito com o fato de “a língua elaborar suas unidades” (SAUSSURE, 1996, p. 131), assim, entendemos a língua como sistema de valores puros. A língua, vista sob esta perspectiva, é construída de diferenças, e este é o ponto de vista aceito por Saussure:

Fundamentalmente, a língua repousa sobre diferenças. Menosprezar esse fato, obstinar-se atrás de quantidades positivas é, eu acredito, se condenar a continuar, de uma ponta à outra do estudo lingüístico, ao largo do fato verdadeiro, e do fato decisivo em todas as diversas ordens em que somos desafiados a considerar a língua (SAUSSURE, 2002, p. 66).

O aspecto diferencial do valor é regido pelo principio da arbitrariedade, vemos Saussure (1996: 137) dizer:

Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas. A alteração dos signos lingüísticos mostra bem esta correlação; é precisamente porque os termos *a* e *b* são radicalmente incapazes de chegar, como tais, até as regiões da consciência – a qual não percebe perpetuamente mais que a diferença *a/b* – que cada um dos termos fica livre de se modificar conforme leis estranhas à sua função significativa.

A arbitrariedade permite que uma mesma significação possa está revestida de diferentes valores. Sendo assim, Saussure afirma que os valores são relativos uns aos outros no sistema lingüístico. Ele diz: “o valor de um [signo] resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 1996:133).

Saussure (1996:134) conferiu dois princípios ao valor: a diferença e a semelhança. Esses dois fatores são necessários para se obter um valor.

Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.

Dessa forma, o valor depende da presença e/ou da ausência de outros valores que só existem um em função do outro no sistema. Ainda falando sobre a essência da língua, vemos porque Saussure (1996:30) considera o valor como sendo o ponto cardeal da Linguística estática:

Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*.

Assim, o ponto de vista não está mais nas delimitações das unidades linguísticas, mas na simultaneidade dos valores no sistema, que é ilustrada pelo gráfico presente no CLG³:



Não existe um valor previamente dado, mas ele brota da “presença simultânea de outros” valores (SAUSSURE, 1996:133). Desse modo, os termos valem por causa da diferença recíproca entre eles, e “em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças” (SAUSSURE, 2002: 30).

Além do aspecto diferencial e arbitrário dos valores, este esquema introduz a negatividade presente no sistema saussuriano. Vejamos as palavras no texto de 1916 de Saussure (1996:136):

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica exata é ser o que os outros não são.

³ Gráfico em Saussure (1996, p. 133).

O valor de um signo é determinado não em sua positividade, mas em sua negatividade: um valor é aquilo que o outro não é, “qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SASSURE, 1996:135). Lemos, mais claramente, nas notas escritas por Saussure (2002:71) antes de 1900, o fato negativo dos valores:

Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição.

A teoria de valor ressalta o fato negativo da língua e a sua característica sistêmica. Desse modo, entendemos que o valor origina-se da oposição dos termos no sistema da língua, a relatividade. Para Saussure, não resta dúvidas de que não há fatos positivos na língua, termos que possam ser considerados e definidos em si mesmo e por si mesmo.

No texto de 1916, durante o capítulo *O valor lingüístico*, Saussure nos diz duas vezes: “a língua é uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1996:131 e 141). A importância desta frase se revela quando nos perguntamos o que é uma forma. O próprio Saussure (2002:36) nos responde:

FORMA: Não uma certa entidade *positiva* de uma ordem qualquer, e de uma ordem simples; mas a entidade ao mesmo tempo *negativa* e *complexa*: que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da *diferença* com outras formas, COMBINADA à *diferença* de significação de outras formas.

Assim como nas palavras acima citadas, nas notas sobre a essência dupla da linguagem, Saussure escreve dois textos, relativamente longos, sobre a negatividade e sobre a diferença, onde discute a relatividade dos valores. Neles, é ressaltada a natureza totalmente particular da língua: a negatividade. Lemos as palavras de Saussure (2002:60 - 62):

[*Negatividade e diferença*, 1]
[...] em vez de serem diferentes termos, como as espécies químicas etc., não passam de *diferenças determinadas* entre os termos, que seriam vazios e indeterminados sem essas diferenças

[*Negatividade e diferença*, 2]
Parece-me que se pode afirmar, propondo para a consideração, o seguinte: jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente *diferencial*, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos, precipitadamente, uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência – embora talvez, eu admito, somos desafiados a reconhecer que sem essa ficção o espírito seria literalmente incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de

referência positivo e firme. [...] ora, parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade *em si* ou *à parte* de outros objetos a considerar; que, absolutamente, não têm qualquer substrato para a sua existência fora de *sua diferença* ou NAS diferenças de todo tipo que o espírito encontra meio de vincular. *A diferença* fundamental (mas que sua diferença recíproca dá a cada um toda a sua existência)

Por sua vez, as *diferenças* em que consiste toda a língua nada representariam, nem mesmo teriam sentido em tal questão, se não se quisesse dizer com isso: ou a diferença das formas (mas essa diferença nada é), ou a diferença das formas percebida pelo espírito (o que é alguma coisa, mas pouca coisa na língua) ou as *diferenças* que resultam do jogo complicado e do equilíbrio final. Assim, não apenas não haverá termos positivos, mas *diferenças*; mas, em segundo lugar, essas diferenças resultam de uma combinação da forma e do sentido percebido

A ideia da negatividade dos valores é ilustrada na metáfora do jogo de xadrez. Nele, Saussure compara a língua ao jogo, em que os objetos não valem por sua materialidade, mas obtêm seu valor pela relação que estabelecem com os outros elementos do jogo. Aqui fica evidente que Saussure se recusa a relacionar a língua à realidade das coisas, como se fosse uma nomenclatura. Isso fica claro no texto de 1916 de Saussure (1996:128):

Suponhamos que, no decorrer de uma partida, essa peça venha a ser destruída ou extraviada: pode-se substituí-la por outra equivalente? Decerto: não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor. Vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente.

Um valor é determinado pela presença ou pela ausência de outros valores do sistema linguístico, a relatividade se impõe nos dois eixos: um da ausência de valores – as relações associativas – e um da presença simultânea de valores – as relações sintagmáticas. Na última nota que estava no envelope sobre a essência dupla da linguagem, o professor fala sobre o fenômeno do valor linguístico em um longo parágrafo em que enfatiza, escrevendo com letras maiúsculas, as diferenças e o fato “puramente negativo”. Ele conclui sua reflexão com o pequeno parágrafo em que podemos ler a necessidade dos signos presentes e ausentes para gerar o valor. Ao mesmo tempo em que o signo só existe pelos valores, os valores só existem pela presença ou ausência percebida dos signos. Saussure (2002:80) escreve:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [...], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável.

A complexidade da teoria do valor está no fato de que este ordena o fato sistêmico e ele é de natureza negativa e diferencial.

3. UMA FILOSOFIA DA LÍNGUA OU DA LINGUAGEM?

Falar de uma filosofia da linguagem pode causar um estranhamento inicial quando lembramos que Saussure escolheu a *língua* como objeto de estudo e não a linguagem. Essa escolha, inclusive, permitiu à Linguística erigir-se como ciência piloto no início do século XX. Voltemos ao texto publicado por Bally e Sechehaye ao apresentar a língua como objeto: “*É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*”. (SAUSSURE, 1996, p. 16). Ao realizar esse gesto inaugural, o professor o faz em relação à complexidade da linguagem, que “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita”. Todas as razões elencadas por Saussure para justificar a escolha pela língua repousam numa contraposição à complexidade que a linguagem apresenta, desse modo, podemos entender que escolher a língua como objeto ao invés da linguagem aponta para uma preocupação com a linguagem, pois a língua serviria de *norma* ou modelo de outras manifestações da linguagem. Será que isto nos aponta a uma preocupação com a linguagem?

O problema, aparentemente resolvido de modo simples com a frase acima citada da edição de 1916 é que “o ponto de vista que cria o objeto” (1996: 15), ou seja, não há para o linguista um objeto pré-definido, como outras ciências podem ter. A obscuridade do objeto é algo que leva o professor a falar de uma impossibilidade de obter um ponto de partida evidente, Saussure (2002: 240) diz:

Unde exoriar? – É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto de partida evidente.

Desse modo percebemos uma inquietação para chegar a uma definição simples do que seria o objeto de estudo do linguista. Essa inquietação advém da ideia de que não há como apresentar uma visão “positiva” do saber sobre a língua ou mesmo sobre a linguagem.

Definir o que é negativo e diferencial é inicialmente perturbador. A impossibilidade de verificação leva a uma inquietação desesperadora para muitos. Concluir que a perspectiva empirista não pode dar conta da reflexão saussuriana, apesar de muitos critérios empiristas serem satisfeitos, como um método e um objeto, trata-se de outro saber, trata-se de pura forma, sem substância.

Entendemos que a ao escrever sobre a língua, o professor tinha como alvo maior a linguagem em toda a sua complexidade. Que língua e linguagem se delimitam reciprocamente. Ainda nos perguntamos: Saussure supõe uma reflexão de amplitude filosófica?

4. FILOSOFIA E LINGUAGEM

Os filósofos sempre se perguntaram como a linguagem se relaciona com o mundo e de que modo a linguagem se relaciona com a mente humana, o que constitui os sentidos ou qual a importância da linguagem no processo de nossa constituição como seres humanos. A Filosofia da Linguagem é uma disciplina que se ocupa hoje de tais questionamentos.

Podemos afirmar que a linguagem pertence à filosofia se concluirmos que este é o primeiro conhecimento humano e que esta relação entre linguagem e conhecimento sempre esteve posta a nossa frente.

Sobre as principais correntes da Filosofia da Linguagem Normand (2009: 108) nos apresenta que a linguagem sempre concerniu à filosofia. A autora nos lembra do Círculo de Viena e da necessidade de adotar um ponto de vista outro sobre a linguagem se tratando de filosofia da linguagem, o da significação e do sentido, tanto ao tratar da epistemologia como da metafísica. Interessante lembrar que Bouquet (2002) aponta para a presença de uma base metafísica na reflexão saussuriana, tanto quanto a presença de questões epistemológicas.

Nomes como T. Hobbes, P. Feyerabend, Frege, Hacking, Locke, Descartes, De Popper, Kant, Leibnitz, Foucault, entre muitos outros abraçam discussão que remota ao *Menon* de Platão, onde Sócrates dialoga com um jovem escravo sobre o conhecimento da geometria e não possui um ponto final.

A reflexão saussuriana nos dá a resposta para esta constante reformulação e problematização: trata-se de forma e não de substância. Isto implica numa reformulação constante, já que não há uma substância diretamente verificável.

Esta questão não se esgota nessas poucas palavras aqui colocadas, mas nos leva a reler a reflexão de Saussure de um novo ponto de vista, que abarca o sentido, e para alguns, o sujeito falante, como Bouquet (2002:301) nos diz:

Nem substancialismo aristotélico, nem esquematismo kantiano, a metafísica de Saussure se manifesta como o abre-te sésamo que permite pensar no elo de três anéis que se ligam dois a dois pela intermediação do terceiro – sendo esses três anéis Um de todas as coisas, a álgebra da língua e o espírito do homem. Nisso a semântica de Saussure ilumina, provavelmente, além dos horizontes epistemológicos, horizontes metafísicos virgens ainda.

Observamos que apesar da reflexão saussuriana apresentar uma dimensão filosófica, não podemos deixar de notar que a escolha do objeto permitiu tratar a Linguística como *ciência*. Talvez, como diz Dosse (2007: 81), “mais que um método e menos que uma filosofia”, é isto que Saussure inaugura. Dessa perspectiva o discurso Saussuriano é fruto de uma discussão positivista do seu tempo. E não podemos fechar os olhos para a postura científica dos escritos de Saussure do mesmo modo que não podemos fechar os olhos para a dimensão filosófica dos construtos teóricos do professor.

A oscilação entre o saber científico e filosófico que há nas palavras escritas por Saussure, produz um saber não-positivo que confere à Linguística a etiqueta de *Ciência* que se inscreve na história da Linguística como gesto inaugural de um saber positivo sobre os fenômenos da linguagem humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.
2. DE MAURO, Tullio. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot, 1995.
3. DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo*. Volume 1. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.
4. FEHR, Johannes. *Saussure entre Linguistique et Sémiologie*. Traduzido do alemão por Pierre Caussat. Paris: Presse Universitaires de Franc – PUF, 2000.
5. GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. 2^a ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969.

6. KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy. (Eds.). *Troisieme Cours de Linguistique Generale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin*. Oxford: Pergamon Press, 1993.
7. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
8. NORMAND, Claudine. *Saussure*. Tradução de Marcelo Diniz e Ana de Alencar. Paris: Les Belles Lettres, 2000.
9. _____. *Convite à Linguística*. Organizado por Valdir Flores e Leci Borges Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck. São Paulo : Contexto, 2009.
10. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
11. _____. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolfo Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.
12. SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

RESUMO: A Linguística, tal como a conhecemos atualmente, funda-se com o gesto saussuriano de escolher a língua como objeto de estudo dos linguistas. Quais as consequências desse ato? Podemos dizer que esse gesto apresenta o desenvolvimento de uma filosofia da linguagem? Este artigo visa refletir sobre o assunto a partir das notas escritas pelo professor publicadas em 1957 por Godel que apresentam o pensamento de Saussure sob um novo ângulo. Segundo Bouquet e Engler, esta reflexão apresenta uma filosofia da linguagem, termo que o próprio Saussure empregou algumas vezes. Consideraremos, especialmente, as notas que carregam o termo *filosofia da linguagem* e as considerações de Bouquet acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia da linguagem; linguagem; Saussure.

ABSTRACT: Linguistics, as we know it today, is based on the gesture of Saussurean choice of language as an object of study by the linguists. What are the consequences of this act? Can we say that this gesture represents the development of a philosophy of language? Why, then, the need to leave from the language? This article aims to reflect on the matter from the notes written by the professor published in 1957 by Godel. We will consider, in particular, notes that carry the term philosophy of language, and Bouquet's considerations on the subject.

KEYWORDS: philosophy of language; language; Saussure.

RESUMEN: La lingüística, tal como la conocemos actualmente, es fundada con el gesto saussuriano de escoger la lengua como objeto de estudio de los lingüistas. ¿Cuáles son las consecuencias de este acto? ¿Podemos decir que este gesto presenta el desarrollo de una filosofía del lenguaje? Este artículo procura reflexionar sobre el asunto a partir de las notas escritas por el profesor –publicadas en 1957 por Godel–, las cuales presentan el pensamiento de Saussure bajo un nuevo ángulo. Según Bouquet y Engler, esta reflexión presenta una *filosofía del lenguaje*, término que el propio Saussure empleó algunas veces. Consideraremos, especialmente, las notas que recogen el término *filosofía del lenguaje* y las consideraciones de Bouquet sobre el tema.

PALABRAS CLAVE: filosofía del lenguaje; lenguaje; Saussure.

Recebido no dia 01 de dezembro de 2009.
Artigo aceito para publicação no dia 07 de março de 2010.